

A busca de remédios eficazes

A tomada de consciência da gravidade da situação é certamente o elemento essencial sem o qual não pode ser elaborada nenhuma solução viável. Mas só constitui o grau zero da escrita. No que diz respeito à definição das soluções, o profano deve limitar-se a algumas observações muito gerais.

A primeira é que o sistema bancário americano, que é a base do aparelho de crédito do Terceiro Mundo, não está hoje em condições de enfrentar sozinho o problema da dívida internacional. De nada adianta, como faz atualmente o Congresso norte-americano, atirar-lhe no rosto seus lucros e suas leviandades passados. Sem ele, a reciclagem dos petrodólares não teria funcionado tão bem e a crise mundial ter-se-ia agravado consideravelmente. Em 1983, os bancos comerciais emprestaram aos países em desenvolvimento quatro vezes mais do que o FMI (cem bilhões de dólares de reescalonamentos e créditos novos contra 27 bilhões de empréstimos do FMI). Não se pode, ao mesmo tempo, mostrar-se aborrecido com os circuitos públicos

e censurar os bancos por suprirem a carência da iniciativa governamental.

As soluções de mercado, tais como o mercado secundário dos créditos representativos da dívida dos países em desenvolvimento ou a criação de um fundo mútuo dos bancos internacionais, são úteis, mas muito insuficientes de imediato.

A segunda observação é que a necessidade imperiosa de aliviar a carga do setor privado não deve levar necessariamente a construções grandiosas do tipo do "Plano Marshall para o Terceiro Mundo" ou da grande conferência Norte-Sul sobre o endividamento.

Em primeiro lugar, o sistema do "caso por caso", defendido com obstinação pelo FMI e pela Reserva Federal, permite resolver as dificuldades de maneira muito mais adaptada do que os sistemas pré-fabricados. Por exemplo, a mesma solução não convinha ao México ou ao Brasil, economias em grande crescimento há muito tempo, e à Argentina, democracia frágil e economia

fraca. As roupas feitas (se são estreitas demais) não resolvem os problemas mais graves ou (se são largas demais) tornam-se inutilmente dispendiosas. A situação dos países superendividados continua sendo extremamente diferente: exige soluções diferentes.

Em seguida, a notícia oficial de um plano de ajuda ao Terceiro Mundo só aguçaria o apetite e reduziria a boa vontade dos devedores, ao mesmo tempo exasperando as paixões políticas nos países credores, onde persistem o desemprego e a pobreza. O modelo mexicano continua sendo excelente. Organiza um jogo de resultados positivos, em que todos os jogadores — bancos comerciais, Estados credores, bancos centrais, FMI, países devedores — participam do esforço comum. Simplesmente, esse modelo deverá evoluir nitidamente no sentido de um aumento do esforço público governamental e, principalmente, intergovernamental. O FMI continuará sendo o melhor canal de distribuição da ajuda condicional, se não intervier sozinho.